

Decisão de Trump não mata Acordo de Paris, mas é retrocesso importante

LEITE, Marcelo. "Decisão de Trump não mata Acordo de Paris, mas é retrocesso importante". Folha de São Paulo. São Paulo, 1º de junho de 2017.

A defecção dos Estados Unidos do Acordo de Paris não fere de morte o tratado para combater a mudança do clima. É um retrocesso importante, mas o tabuleiro rearranjado cria oportunidades para a China e a União Europeia e afetará a competitividade da economia dos EUA no médio prazo.

De imediato, o horizonte que cabe na linha de visão de Donald Trump, seu país até pode colher dividendos. Ninguém duvida de que é mais barata a energia obtida com combustíveis fósseis, principal fonte dos gases causadores do efeito estufa, e os EUA têm grandes reservas de carvão, petróleo e gás natural.

Ao abandonar as metas adotadas por Barack Obama para reduzir sua utilização, melhor maneira de cortar emissões de carbono, Trump barateará o preço da energia fóssil. Também permitirá que empregos de baixa qualidade em minas de carvão tenham alguma sobrevivência.

Na escala de tempo que vai até a próxima eleição, em 2020, isso lhe trará votos – como disse Trump, ele foi eleito com votos de Pittsburgh, não de Paris. Mas emite os sinais errados para setores mais avançados da nova economia, como o das energias alternativas.

Quem é o empresário mais inovador dos EUA? Muitos apontariam sem pestanejar o sul-africano Elon Musk, que tornou os carros elétricos de sua Tesla competitivos com os beberrões de gasolina fabricados em Detroit.

Musk também promete revolucionar a geração e a distribuição de eletricidade ao massificar a produção de baterias de lítio domésticas e telhas com painéis para converter a luz do Sol em corrente armazenável. Muito criticado por participar de um comitê de aconselhamento de Trump, Musk já disse que se vê agora obrigado a abandoná-lo.

Ao dar algum fôlego para os fósseis, o presidente republicano prejudica o negócio de Musk, porém não o aniquila. O setor de energia americano já vinha em trajetória de redução de emissões de carbono, graças a visionários como ele e investidores que enxergam longe e se voltaram para as fontes limpas de energia, como a eólica (ventos) e a fotovoltaica (solar).

Um indicador claro dessa tendência foi a revolta na reunião de acionistas da ExxonMobil contra sua direção apenas um dia antes da rejeição a Paris (a empresa até há pouco era dirigida por Rex Tillerson, secretário de Estado de Trump que o aconselhava a não sair se retirar do acordo).

Um grupo que detém 62% das ações da Exxon aprovou resolução combatida por seus dirigentes para que a companhia detalhe o impacto da mitigação da mudança do clima nos negócios, como a perda de valor de reservas de petróleo e gás que talvez deixem de ser exploradas. Um ano atrás, proposta similar foi derrotada ao angariar apoio de apenas 38% dos acionistas.

No time dos revoltosos está o fundo de investimento Black Rock, um dos maiores do mundo e segundo maior acionista da Exxon. Não se encaixa no figurino de ativistas globais e governos estrangeiros que só querem prejudicar financeiramente os EUA e roubar-lhes empregos, como sustenta a retórica trumpiana.

A necessidade de agir contra o aquecimento global é reconhecida até por líderes empresariais destacados que foram ou são republicanos, como Michael Bloomberg (ex-prefeito de Nova York) e Hank Paulson (secretário do Tesouro de George W. Bush). Os dois fundaram uma espécie de ONG, Risky Business (negócio arriscado) precisamente para promover a causa.

Muita gente de visão não enxerga retorno nesse caminho. A não ser, claro, luminas como Donald Trump.